Publicado em 12/02/2023 - 08:30

Tribos urbanas



Maioria dos indígenas da região vive em áreas urbanizadas; povos lutam por visibilidade e garantia de direitos

JOYCE CUNHA

A crise humanitária no Terri-A crise humanitária no Territróis (indigena Yannami trouxe de volta ao centro dos debates a violação dos direitos e a
fragilidade das políticas públicas destinadas aos povos originários do Brasil. A exploração
ilegal de garimpeiros em áreas
protegidas no estado de Roraima mantém em curso o ciclo
histórico de crimes contra a população indigena — desde os
tempos de ocupação do País pelos colonizadores porrugueses.
Em um dos episódios mais
recentes e emblemáticos dessa
violência, a luta do grupo indí-

Em um dos episodos mais recentes e emblemáticos dessa violência, a luta do grupo indigena Pataxó Hå Hå Håe pela demarcação de suas terras, no Sul da Bahia, terminou no assassinato de Galdino, Jesus dos Santos, 44 anos, queimado vivo por cinco jovens enquanto dormia em um ponto de ônibus de Brasília.

O caso aconteceu no dia 20 de abril de 1997. Esta foi a data em que a ribeirão-pirense Jaqueline Cardoso de Carvalho, hoje 52 anos, compreendeu sua origem. "L'embro que minha família de lá (Bahia) ligou pra gente, falando pra assistir os jornais. A reportagem ficou vários dias na midia nacional e

internacional", recorda. Pela televisão, sua avó reconheceu familiares que foram ao veló-rio de Galdino.

Ouando tinha oito anos, Jaqueline se mudou com o pai e os irmãos de Ribeirão Pires pa-ra a cidade de Nova Canaã

ra a ciadae de rova Canaa (BA), onde viveu, com a familia, até os 15 anos, na Fazenda Jaqueira. "Vivíamos lá com nossa avó e as imãs dela. Naqueia época eu achava que éramos pobres. Não sabia que éramos pobres. Não sabia que éramos indigenas. A gente morava em uma casinha de sapê, tomava banho no rio. Eram condições precárias", lembra. Até os dias atuais, conta Jaqueime, a região de Nova Canaã é insegura para a população indigena. A violência fez a avó e as tias fugirem de suas serras para a Fazenda Jaqueira. Afirmar, em alto e bom som, a identidade indigena sempre foi um risco. Por isso, a compara ser ciranças, não era permitido falar sobre as origens. De volta ao Grande ABC ainda na adolescência, Jaqueline, de Ribeirão Pires. Reconhecida indigena pelo cacique de sua aldeia de origem, a ribeirão-pirense foi eleita a liderança pelo grupo que representa, formado por 75 indigenas de 27 familias. Todos moram obairro Santa Luzia, em contexto urbano.

Em toda a região, de acordo com o Censo 2010, levantamento demográfico mais recente disponível neste momen-

to. 2.351 indígenas vivem nas to, 2.351 indigenas vivem nas áreas urbanas dos sete municí-pios. Muito distante da mira dos garimpeiros, a principal lu-ta destes povos da 'cidade' é pe-la garantia de direitos.

ta destes povos da 'cidade' é pela garantia de direitos.

"Durante a pandemia, tivemos negada a aplicação da vacina prioritária aos povos originários, mesmo apresentado na UBS (Unidade Básica de Saíde) a declaração de indigena", exemplifica a cacica.

Situações semelhantes foram enfrentadas por indigenas em contexto urbano da região e de todo o Pais. "Muiros lugagares só vacinaram o indígena que estava na aldeia. E teve indigena que precisou ir à aldeia, sendo que tinha uma UBS perio da casa dele", afirma Marcos Aguiar, coordenador da instituição Indios na Cidade, do Opção Brasil, e do Coletivo Índios na Cidade, do Instituto Social e Cultural do Brasil. cial e Cultural do Brasil.

O especialista destaca, entre os desafios dos indígenas em contexto urbano, a falta de visibilidade e acolhimento. "Te-mos que trabalhar o diálogo da mos que trabalhar o diálogo da cultura indigena na cidade. Falamos muito também sobre ge-ração de renda, trabalho. Sobre como cotas nas universidades. Indigena é indigena em qualquer lugar", ressalta Marcos. Brenda Carvalho, 14, filha da cacica Jaqueline, tem or-gulho das origens e levará adiante as tradições familia-res. "Ser indígena significa carregar a luta do nosso po-vo", declara a jovem.



IDERANÇA.Cacica Jaqueline lidera Pataxós Hã Hã Hãe

Indígenas de aldeias da região destacam falta de estrutura e vulnerabilidade

Conseguir contato com Lí-dia Krexu Reté Veríssimo, 48 anos, líder dos Guarani Mbya, não é tafera simples. Durante quase duas semanas, a equipe do Diário buscou a liderança da aldeia Brilho do Sol - Kua-ray Rexakã para conversar so-bre os desafios dos povos que vivem na Terra Indígena Te-nonde Porã. Além da Brilho do Sol, fazem parte deste territó-Sol, fazem parte deste territó-rio protegido pela Funai (Fun-dação Nacional dos Povos Indí-

rio protegido pela Funai (Fundação Nacional dos Povos Indigenas), na região, as aldeias
Nhamandu Mirim e Guyrapaju. Essas são as três únicas comunidades indígenas fora de
contexto urbano do Grande
ABC, todas localizadas no PosBalsa, em São Bernardo.

Apesar de terem acesso à internet, via Wi-Fi, inclusive,
nos útimos dias os indígenas
da Kuaray Rexakā ficaram
sem energia elétrica. A dificuldade de comunicação e de
acesso âs casas da aldeia, por
uma trilha estreita e ingreme
em meio à mata fechada, estão entre os pontos indicados
por Lídia como problemas para quem vive no local.

A falta de infraestrutura básica somada à vulnerabilidade
social das 17 familias da Brilho
do Sol estão entre as razões

do Sol estão entre as razões que limitam o desenvolvimen-to da comunidade. "Tem muita gente que quer ajudar, mas

to da comunidade. "Tem muita gente que quer ajudar, mas
não tem como, porque não
em estrada e o carro não chega. Todo mês a gente enfrenta
a trilha", conta Lídia.
As terras da Brilho do Sol
não são adequadas ao cultivo
de alimentos, explica a líder
dos Guarani Mbya. Os moradoseda aldeia dependem de programas sociais. Cada família recebe carrão de RS 100 ao mês,
além de cesta básica de alimentro, cinco crianças. Não dá parra duas semanas", afirma. Airro, cinco crianças. Não dá parra duas semanas", afirma. Airque nosso jovens pudessem estudar, porque sem estudo não
se faz nada", completa.

A prefeitura de São Bernardo informou que restudo não
se faz nada", completa
zação do mapeamentro dos indígenas e que possui programas de apojo social, de saúde e
educação, especialmente na re-

mas de apoio social, de saúde e deducação, especialmente na reegião do Pós-Balsa, inclusive
com a implantação, em 2021,
do Polo Avançado de Assistência Social. Diadema destacou a
mpliação da participação dos
indigenas na construção de polticas publicas. As demais cidades pontuaram ações especificas para esta população que vive em contexto urbano. Jo



BRILHO DO SOL. Na aldeia Kuaray R akã, índígenas enfrentam proble

Veículo: Impresso -> Jornal -> Jornal Diário do Grande ABC

Seção: Setecidades Pagina: 4